

4.4.2.4. Das dores e alegrias da infância.

Uma leitura de *Constantino Guardador de Vacas e de Sonhos*, de Alves Redol¹¹¹

Ana Margarida Ramos

(CIDTFF – Universidade de Aveiro)

José António Gomes

(ESE – IP Porto)

Sara Reis da Silva

(IE – Universidade do Minho)

Figura incontornável do neorrealismo português, autor de romances como *Gaibéus* (1939) e *Barranco de Cegos* (1961), Alves Redol (1911-1969) escreveu igualmente textos para teatro e contos. A infância, como *topos* literário, tem presença assídua na sua obra, conhecendo maior visibilidade nos textos que este autor destina preferencialmente a crianças e jovens, como *A Vida Mágica da Sementinha: uma breve história do trigo* (1956); e a tetralogia construída em torno das aventuras da Flor Maria (*A Flor Vai Ver o Mar*, 1968; *A Flor Vai Pescar Num Bote*, 1968; *Uma Flor Chamada Maria*, 1969; e *Maria Flor Abre o Livro das Surpresas*, 1970) ou, ainda, em volumes que circunstâncias várias canalizaram para este universo de receção, como

111. Lisboa: Caminho, 2002.

aconteceu com *Constantino Guardador de Vacas e de Sonhos* (1962), o texto que aqui nos ocupa.

A influência posterior do autor na produção literária portuguesa para a infância subsequente tem sido reconhecida, pressentindo-se na escrita de autoras Matilde Rosa Araújo ou Maria Rosa Colaço, por exemplo. A reedição sucessiva dos seus textos e/ou a inclusão em seleções escolares de leituras obrigatórias e/ou aconselhadas, ao longo de várias décadas, mantêm-no ainda hoje próximo dos leitores contemporâneos, ao mesmo tempo que o consagram já como um clássico deste universo literário. Alvo de alguns estudos de fundo (Magalhães, 2008), a obra de Alves Redol é marcada pela denúncia das condições de vida das crianças, alvos fáceis da pobreza e, consequentemente, da marginalidade, sobretudo no contexto rural e suburbano, mas também uma atenção crescente à questão ambiental, entendida enquanto elemento essencial à qualidade de vida humana, aspeto em que a sua produção se mostrou precursora.

Nesta linha de leitura, veja-se o caso de *A vida mágica da sementinha* (1956), uma pequena novela sobre o ciclo de vida do trigo, mas também uma lição de vida sobre a justiça social. Texto clássico da literatura portuguesa para a infância, a parábola sobre o trigo constitui uma referência obrigatória pela forma como o autor, num discurso aparentemente simples e acessível, cruza uma multiplicidade de temas e apela a uma distribuição mais justa da riqueza. A pequena sementinha que protagoniza a narrativa, tal qual uma heroína de um conto de fadas, vive muitas aventuras até se transformar em planta e, novamente, em grão. Entre o espanto e o receio, são muitas as surpresas que a sua vida lhe reserva, pormenorizadamente descritas, desde que o sementeiro a retira da arca onde estava guardada com outras companheiras.

Originalmente datado de 1962, *Constantino Guardador de Vacas e de Sonhos* é uma pequena novela de Alves Redol que poderia figurar como um dos clássicos inquestionáveis da literatura portuguesa para a infância e a juventude. A primeira edição incluía fotografias da autoria de Alves Redol e de António Neto, sublinhando uma

inspiração na realidade conhecida do autor, incluindo um seu vizinho, Constantino Cara-Linda, bem como uma certa dívida biográfica que esclarece em nota introdutória. Centrada no protagonista, que empresta o nome ao título, a narrativa recria, com realismo e muito afeto, em resultado da proximidade ao universo ficcionalizado, o crescimento de uma criança cheia de sonhos e de projetos, num Portugal marcado pela pobreza, pelo isolamento e pela tradição. Com humor e num registo delicado, decorrente das opções discursivas e linguísticas que caracterizam muitas das obras deste autor, o leitor é transformado em cúmplice e companheiro das aventuras, brincadeiras e sonhos de um menino comum, símbolo de uma infância marcada pela família, pela terra e pelo trabalho.

Protagonizada por um “novo herói infantil, arguto e aventureiro, por vezes rebelde e questionador” (Gomes, 1998: 36), ou por uma “radiosa personagem infantil” (Magalhães, 2008: 14), a ação centra-se nas suas vivências infantis, de nítido recorte rural e socialmente desfavorecido, sem que esse contexto seja limitador para a exploração de um certo deslumbramento pelo quotidiano. A vivacidade, a resposta sempre pronta, a disponibilidade total para as brincadeiras e aventuras, a relação privilegiada, quase umbilical, com a natureza são outras características que compõem o retrato de um herói construído com base num certo paradigma de infância que tanto é elogiada, pelo que tem de inteligência e vida, como é denunciada, pelas limitações de que também é alvo, em resultado do contexto social onde lhe calhou viver. O conhecimento da realidade circundante, bem como da falta de perspetivas da vida no campo, levam Constantino a sonhar com a fuga, desejando tornar-se em serralheiro de navios, uma espécie de meta última que provará a sua determinação e lhe aquece os sonhos. O narrador, homodiegético, assume-se como adulto, homem de fora da terra e dos seus hábitos, aproximando-se da figura do escritor com a qual se confunde. Este parece observar atentamente as atividades de Constantino que, aqui e ali, partilha com ele alguns dos seus segredos e artes, chegando a esclarecê-lo sobre o significado de algumas palavras e atividades.

Estruturada em duas partes equilibradas – “Um cuco rambóia” e “Um cuco laborioso” – cada uma delas dividida, por sua vez, em capítulos muito breves (respetivamente, 9 e 8), a narrativa apresenta uma estrutura episódica, cujo ritmo veloz e fluidez discursiva prendem os leitores à história e às aventuras e desventuras do protagonista. Na narrativa principal, surgem encaixadas, com frequência, intrigas secundárias, algumas muito breves, que contextualizam social e culturalmente o ambiente onde se movem as personagens. São as histórias das figuras da terra ou da infância da avó, revelando uma tradição de pobreza e também de retidão e de coragem, que por elas perpassa, são as festas e os acontecimentos marcantes que fogem à rotina dos dias de trabalho sempre iguais. O elogio dessa simplicidade e a valorização de uma sabedoria ancestral surgem associados ao trabalho da terra e ao cuidado dos animais, que a avó, conhecida por Ti Elvira, encarna na perfeição. Descrita como “livro vivo de toda a sabedoria das coisas que importam numa aldeia de camponeses” (p. 55), é consultada a propósito de tudo, desde o tempo às sementelhas, desempenhando um papel relevante no crescimento e educação dos netos. O domínio da oralidade, o conhecimento do mundo em resultado da observação da natureza e os contactos privilegiados com o sagrado surgem como provas inquestionáveis do seu estatuto na família e na comunidade.

As duas partes da novela esclarecem também as alterações verificadas na existência da personagem, que, aos poucos, substitui os divertimentos e as distrações por tarefas de maior responsabilidade, evidenciando o seu crescimento precoce. Assim, a atividade de verificação dos ninhos, levada a sério, quase com metodologia científica, os desafios dos piões, os banhos em pelo no Trancão, as partidas pregadas férias aos rapazotes de Lisboa, algumas a lembrar os feitos de Tom Sawyer, como a de conseguir transportado na bicicleta sem esforço, a amizade sólida com Manel Coelho, companheiro de aventuras, a relação com os animais, a cadela Rasteira e a vaca Mimosa, ocupam os dias do rapaz no final da infância e início da juventude e dão paulatinamente às responsabilidades de uma adulez precoce,

o trabalho com as vacas, a ajuda ao pai no amanho das terras. É também por esta altura que se tornam mais fortes os desejos de escapar ao destino, sonhando com a possibilidade de se fazer serralheiro de barcos, em Lisboa, consagrando-se, assim, à sua paixão pelo rio. A preparação do barco, a sua construção e a viagem, mesmo se realizada apenas nos seus sonhos, ocupam a parte final da narrativa, onde se assiste ao fortalecimento da determinação do rapaz.

Não estão ausentes, de forma mais ou menos passageira, as críticas sociais, especialmente ao poder, sobretudo na voz dos mais pequenos e menos protegidos pela sorte e pela fartura (“Como a água da aldeia é pouca e má, por culpa de quem manda, o vinho arranja galões de única bebida sadia” p. 18), incluindo a própria escola e os métodos de ensino usados. Mas a sociedade rural, mesmo assim, não passa incólume no registo do narrador, que lhe conhece os defeitos por dentro, ainda que os desculpe ou desvalorize quando os compara com pecados maiores. É o que acontece em relação à má língua e às intrigas, por exemplo. Em geral, o espaço do Freixal, metonímia do espaço rural português, é recriado na sua placidez calma, ainda que pobre e desfavorecida.

As mensagens de esperança, de alguma forma encarnadas pelo protagonista, poderão ser alvo de leituras mais alargadas, a que não serão alheias as circunstâncias de redação e publicação do volume, como acontece neste passo: “É bom, mesmo que seja na imaginação, um homem – quanto mais um moço! – sonhar um pouco que também lhe ouvirão a voz nos tempos que estão para chegar” (p. 22).

Claramente intemporal, sem deixar de fazer a crónica de um tempo e de um contexto particulares, que o autor recriou literariamente em muitas outras obras, *Constantino Guardador de Vacas e de Sonhos* não se esgota numa leitura de cariz neorrealista, configurando-se antes como uma das obras mais marcantes para a construção do cronotopo da infância na literatura portuguesa da segunda metade do século XX e que, ainda hoje, continua presente em várias obras, como as narrativas juvenis de António Mota, por exemplo. Profundamente humano, pela forma genial como o autor nele cristalizou o universo

infantil, as suas alegrias e as dores, as esperanças e as limitações, a obra continua a falar ao coração dos leitores, distantes, no tempo e no espaço, das realidades evocadas, mas próximos do imaginário universal da infância e da sua ética de esperança e de redenção.



Referências bibliográficas

Gomes, José António (1998), *Para uma história da Literatura Portuguesa para a Infância*, Lisboa: Instituto do Livro e das Bibliotecas.

Magalhães, Violante (2008), *Sobressalto e Espanto. Narrativas literárias sobre e para a infância, no neo-realismo português*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [acessível em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/531/1/17167_Microsoft_Word_Tese.pdf] (Acedida em 27 de fevereiro de 2015)

Redol, Alves (2008), *A vida mágica da sementinha*, Lisboa: Caminho, 8ª ed.